

UMA ENTREVISTA
E
TRÊS TEXTOS
DESAFORADOS
DE
FRIEDA FRIDA FREDDY

Participação Especial de.

★Leo Silvestri★



ÍNDICE

Um Recado das Macacas/3

I. Aborto Retrospectivo da Heterossexualidade
como Regime Político: Entrevista by Leo Silvestri/6

II. Eu não transito, eu TRANSgrido/19

III. A Maternidade e o Trans/22

IV. Não insistam! Ser Homem é Incompatível
com ser Feminista/28

As versões originais dos textos na rede/31



UM RECADO DAS MACACAS

No tempo em que ainda circulávamos pelo fascibook, nos deparamos com uma nota escrita por uma popular figura das subculturas rueiras de São Paulo, que se autodenomina *anarcoqueer* e *marginal*, explicando didaticamente a seus seguidores que o mundo se divide em homens e mulheres, que por sua vez podem ser homo ou heterossexuais. E ponto final. Nenhum professor católico poderia ter feito melhor pregação do pensamento binário hétero, o que não é de se surpreender nesta terra onde qualquer possibilidade de subversão da ordem heterocapitalista é neutralizada pelas bandeiras de arco-íris e seu discurso assimilacionista. E ao bom-mocismo heterossexista LGBT vem se somar solidariamente a patota hétero progressista, com seus homens feministas assediadores, cartunistas misóginos e machotes trotskistas que distribuem livros de Domitila Barrios como antídoto para os *excessos do feminismo*.

Diante de uma realidade tão desoladora, esta seleção de textos de Frieda Frida Freddy em português enriquece nosso arsenal na guerra contra o mundo existente. Incandescentes e destruidoras como a lava do Popocatepetl, suas palavras arrasam o que estiver no caminho - a mediocridade do senso comum hétero-progressista, as *verdades* impostas pela ditadura médico-científica, a miséria humanista. Não só abordam questões urgentes e necessárias, mas são também um convite para a deseducação permanente, uma estratégia possível para se escapar das artimanhas do heterocapitalismo.

Na introdução da tradução puerca de *Queer Fire* nós sugeríamos aos héteros progressistas e solidários que seguissem o exemplo de Ed Mead e desertassem do heterossexualismo. Frieda Frida Freddy, por sua vez, manda um recado muito mais enfático aos bondosos homens feministas antipatriarcais - e que serve também para anarcoqueers marginais binários: deixem de ser homens.. Vamos ver quantos estão dispostos a isso.

Macacas-Fu





CUIDADO!

Os textos aqui reunidos passaram, como de costume, por uma tradução *puerca*, o que significa que contêm erros e imperfeições. Podem e devem ser melhorados por quem se dispuser. A urgência de divulgar estes textos em português, língua na qual a escassez de material que aborde temas relacionados à desobediência sexual e de gênero é enorme, nos leva a passar por cima de alguns detalhes. Isso certamente não quer dizer que o sentido dos escritos de Frieda tenha sido alterado. **M-Fu**

UMA ENTREVISTA E TRÊS TEXTOS DESAFORADOS



I

ABORTO RETROSPECTIVO DA HETEROSSEXUALIDADE COMO REGIME POLÍTICO: UMA ENTREVISTA COM FRIEDA FRIDA FREDDY BY LEO SILVESTRI.

Há algum tempo, viajando pelo Brasil, escutei uma jovem bicha ativista dizer que ainda que o *fachabuk* fosse uma merda, como todas sabíamos, aproximava mundos e pessoas sem casta e possíveis que de outro modo não conheceríamos devido as distâncias geográficas. Não me recordo nem quando nem como comecei a reparar nos *status* de Frieda Frida, uma das personagens conceituais mais ricas das redes sociais, se ela me adicionou ou eu a ela ou como foi. Também não importa. A inclemência, o descaramento, a intransigência dos enunciados de sua praxis vital levada adiante a partir do México a enche de inimizades e intolerâncias que a fazem tão cara a mim, às vezes creio que por sorte não nos une o amor, mas o espanto ou o escárnio, parafraseando Borges. São as marginais, as maltratadas, as que dizem com as armas que têm em cada momento, já não aquilo que outres não se atrevem a dizer, mas o que sequer se atrevem a pensar. A partir daí, e a propósito das oficinas de “aborto autogerido em casa”, nos ocorreu fazer esta entrevista para que todas nos vejamos interpeladas por ela e sua maneira de viver. Sem dúvida haveria muito mais para dialogar e debater, mas isso ficará para a próxima. Roguemos às divindades que nossa querida amiga não seja seduzida pelas hegemonias que à base de bajulação acabam desarmando a radicalidade para conseguir sua adesão. Obrigada, Frieda, por suas palavras... cada dia mais contente de estarmos juntas nos re/pensando e amigas.

Leonor Silvestri



Se não me engano, o México foi o primeiro país do continente americano a legalizar o aborto. No entanto, você faz oficinas de aborto autogerido em casa. Tenho a sensação de que a situação de legalidade no México alerta o feminismo sobre este fetiche que se costuma ter com as leis, o Estado e a aliança médico-jurídica. Sem ir mais longe, acriticamente o slogan local da boa consciência sobre o aborto é “*aborto legal para não morrer, anticoncepcionais para não abortar, educação sexual para decidir*”. Gostaria que você me explicasse como vê este tema a respeito das vantagens de continuar realizando abortos autogeridos em casa versus a confiança cega de certos feminismos nas instituições médico-jurídicas, e quais são suas motivações para realizar estas oficinas e reinventar estes conhecimentos.

A ideia rançosa de que o aborto TEM (assim, imperativamente em maiúsculas) que ser dentro de um hospital e com um médico porque “se não for assim então NÃO

UMA ENTREVISTA E TRÊS TEXTOS DESAFORADOS

PODE SER, certo?”, “não, não está certo” te dizem, “é extremamente arriscado, que irresponsável, não, não, não, muito mal”...

E veja, é rançosa porque é uma ideia falsa, nem digo falsa, é enganadora e manipuladora! Alimenta essa falácia bacaninha, polida, e muito do ativismo progressista direito-humanista vitimizante, maternalmente protetor, enche a bola do Estado, do progressismo bem-pensante, redentor, salvador, único, verdadeiro; repito: falso.

Essa frase escrota que você menciona me da náusea e urticária, é como se tivesse sido dita por alguma senhora burguesa católica que da uma de inclusiva, consciente, lida e acadêmica, mas que não deixa de levantar o dedo autoritário e misógino diante da menor provocação. Presume que quando lhe dão educação sexual você já não vai ficar grávida nunca mais, porque já sabe tudo e sabe como “se cuidar”, então se acontece com você, será “por ser boba, por ser irresponsável”, “porque você sabia e olha só o que aconteceu!”. Culpabilizando com isso, mais uma vez para variar, as mulheres. Além do mais, nenhum método anticoncepcional é cem por cento seguro, nenhum. Então por que se presume que se você usa algum deles não poderia ficar grávida? Muitas ficam grávidas com o DIU colocado ou o implante. E por último, isso de aborto legal para não morrer, bom, o que posso te dizer, Leonor... a crença generalizada de que os hospitais e os médicos salvam vidas e são deuses... ah, e que lá tudo se resolve e não acontece nada, nada, além do bem... Sim, claro! Quando na verdade no hospital também morre muita gente a cada minuto por negligência, por misoginia, porque os médicos, por mais médicos que sejam, foram criados e formados neste mundo heterossexual e macho, e as violências que aí são geradas por eles e pela ciência médica em relação aos corpos de mulheres e uma decisão de aborto são muitas. Aborto legal para não morrer, viu? Portanto aborto ilegal igual a morte parece ser aí a palavra de ordem católica e burguesa implícita. Nojo!

Mas ninguém diz isso, ninguém diz que os médicos não são deuses e também matam gente, matam social e fisicamente, e muito menos o dizem as ativistas direito-humanistas que vivem dos recursos públicos e das políticas que papai Estado através de seus organismos esposos e instituições machistas lhes outorga. Porque o importante será sempre sair na foto, na capa, com o cabeçalho “já avançamos, parabéns, conseguimos, já há uma lei digna, isto é uma conquista na luta”; para este ativismo, assim como para a democracia e o Estado, as mulheres são só uma estatística, um número, as cifras importam e pesam muito mais para fazer o relatório mensal e anual da ONG e/ou da associação civil, ou do período de governo. E nada mais.

Estou cansada da história da carochinha de que se não for com as leis que o Estado “generosamente reconhece e outorga” não podemos abortar de forma segura, de que se não for em uma sala de cirurgia todo o resto é igual a hemorragias, poças e poças de sangue, dor, tortura e morte. Mas não! De forma alguma, claro que podemos abortar em casa de maneira muito segura! Muito segura!

As mulheres abortaram desde sempre, com ou sem lei, e continuarão fazendo isso. Que morreram muitas mulheres neste fazer, é verdade, eu não estou negando, mas não é pelo processo em si mas pela falta de informação ou pela informação errônea de

como levá-lo a cabo e a estigmatização, o medo e a culpa que semeiam em relação a realizá-lo em casa e não no hospital. Novamente consumimos a história da carochinha de que a medicina e os médicos salvam vidas com superpoderes e são os únicos que podem fazer algo nestes (mal)chamados espaços de “saúde”, porque – oh, oh – também não é verdade!

O aborto em casa não tem que ser com um gancho ou uma tiara, nem golpeando o ventre ou rolando pelas escadas, como fizeram muitas mulheres ao se sentir sós, desesperadas e vulneráveis. Agora já não estão sós, não precisam estar. É necessário informar e informar sem preconceitos e feministamente sobre como fazer um aborto seguro em casa, ampla e detalhadamente passo a passo, com todos os detalhes ao redor, com todas as medidas de segurança pertinentes, e também dizer e indicar a solução para possíveis problemas colaterais que podem ocorrer durante o processo de aborto em casa.

Assim que tendo feito este pequeno e ilustrativo parêntese, deixe-me contar que minha oficina de aborto em casa é... o que posso dizer? É uma lindeza! Basicamente se trata de desmontar a falácia de que a legalidade é uma maravilha e a “ilegalidade” - assim, entre aspas – é horror, tragédia e morte. E como eu faço isso? Faço com uma ênfase especial na linguagem e toda a carga sociocultural que ela carrega, porque é com a maneira de dar nomes e se referir cotidianamente que conseguiram construir, reproduzir e perpetuar todo este sistema que oprime e asfixia diariamente, assim que o construíram.

Por exemplo, digo a elas que deixemos de dizer que o aborto é ilegal, porque não é, não é na verdade. O aborto, como tal, está há décadas na constituição mexicana, como está em muitas outras constituições do mundo também... O que varia são os condicionantes, e por causa deles o chamamos restrição, porque isso é o que é, restrição e não ilegalidade, por isso te dizia agora há pouco aquilo do entre aspas. É assim como este exemplo de começar a desmontar o aborto a partir da linguagem, há mais um montão na oficina. Assim começamos as sessões e depois engatamos falando da sexualidade além da genitalidade e do coito, que é onde manipuladoramente a enfiaram. Ninguém nunca diz que fodemos porque gostamos, porque nos da tesão, porque achamos gostoso, e que foder equivale a uma gravidez, mas que se esta ocorre, uma gravidez não é igual a um parto, para isso há um processo longo de mais de 35 semanas, e antes, é onde se situa o tão satanizado e estigmatizado aborto. O que eu tento fazer com as amigas que vão à oficina é que joguem a culpa na privada e deem três vezes a descarga para que toda essa merda vá pelo cano, assim metaforicamente te digo.

E finalmente compartilho com elas um protocolo de aborto com comprimidos. São duas sessões de 5 horas cada dia, o que dura esta maravilhosa oficina transfeminista, antinorma e antiestado que dou.

Nós nos centramos em conscientizar nosso corpo, em nos fazer fortes, autônomas, tudo isso que o sistema não gosta; o mundo social ajudado pelo ONGuismo, as instituições e as boas consciências, o que querem sempre é que façamos as coisas e vivamos como eles e elas mandam, detestam a autonomia. Vou pela

independência, a autogestão, nosso empoderamento através de nosso corpo e tudo o que acontece ali, sem seguir a pauta e a guia das grandes, das ilustradas, as líderes, as diretoras. Adivinha com quem elas estão envolvidas e casadas? Com o mesmo Estado macho, misógino e feminicida que nos mata.

Considero que quando se aceita com a mão estendida o que uma lei benfeitora te da, se está aceitando que te controlem e te façam crer e sentir o contrário, assim funciona o sistema e o mundo. E isso é algo do que vemos nesta oficina, que por slogan diz: oficina entre amigas. As que não deixam de levantar o dedo autoritário nos culpabilizando sutilmente – e às vezes não sutil, mas diretamente – essas não são nossas amigas. E aqui não entram.

Você me pergunta quais são minhas motivações? Eu te digo que meu interesse e minha motivação surgiram justamente fazendo por quase um ano trabalho de acompanhamento a mulheres que abortam em hospitais públicos e privados daqui da Cidade do México, de ver todo o maltrato simbólico, cultural e discursivo que padecem por parte de dessa gente que se diz pró-vida e do pessoal médico, e das pessoas fanáticas religiosas que aguardam nas portas dos hospitais para agredi-las com a desculpa de “eu também tenho direito à liberdade de expressão”... Há até sequestros por parte desta gente para que as mulheres não abortem, sequestros – veja bem a gravidade do assunto – sequestros para que não o façam ou tortura verbal para que não o façam, sentindo-se as piores criaturas deste mundo, umas assassinas em série, e vivam com esse peso pelo resto de suas vidas. Eu vi e vivi isso, ninguém me contou. De modo que é muito bonito que enalteçam uma lei, falem maravilhas, tirem muitas selfies no senado, participem de congressos, falem diante da ONU “mulheres, blá, blá, blá”... mas se calem diante de toda esta violência, abuso, e morte social que se da na legalidade, porque “o importante é a lei e ter um aborto no hospital”, não éeeee?

Em alguns lugares privados, como Marie Stopes, nem anestesia local dão às mulheres para lhes fazer o AMEU porque “têm poucas semanas de gravidez”, argumentam... Misoginia pura, isso que é, “que sofram, para que abriam as pernas?” e “vamos ver se agora aprende, né...”. Viva a legalidade!

Sei que você está interessada no que eu chamaria de *os devires animais* ou pelo menos o *devir pós-humano* por fora das categorias humanas como homem e mulher, isto é, categorias sempre sexuadas. Como você relaciona isto com seu trabalho em relação ao aborto e em especial às maternidades lésbicas, tão em moda por estes lares, quando se supunha que as lésbicas não eram mulheres, tal como havia dito Monique Wittig?

Eu sou antimaternal, te digo. Para mim poderão falar muito de direitos, direitos pra cá, direitos pra lá e, claro, como não falar de direitos, que para isso o sistema e o Estado investem muito bem nesse progressismo que te falo... Poderão falar de direitos, de maternidades subversivas, lésbicas, duas mães, famílias homoparentais, de maternidades alternativas, blá blá blá... Mas tacitamente seguir parindo é seguir reproduzindo esse rótulo de que uma mulher é igual a uma vulva, e uma vulva é igual a uma fabrica de bebês, e que é o mais natural, normal e mais bonito da vida, o melhor presente de quem sabe quem, o fruto do amor e demais babaquices. A primeira grande

libertação do corpo das que foram construídas e são lidas como mulheres neste mundo capitalista e heterossexual, misógino e macho, é pôr fim a essa fábrica. Nem mais nem menos.

Mas o que você acha? Se você diz isso, é uma microfascista, não é boa feminista, uma feminista de verdade, “como se atreve?”. Sempre será melhor se escudar atrás do discurso dos direitos humanos e das maternidades por opção e agredir as que dizemos isso a partir da rebeldia e da desconstrução de raiz, antes de questionar o foi aprendido, o que lhes foi ensinado desde que um médico, a ciência e a vida lhes determinaram “mulher” ainda quando nem sabiam o que era corpo, o que era vulva, e nem falar podiam.

Além de que seguir parindo e criando, não só reproduz o mundo normal, como também continua estigmatizando e criminalizando todas as que têm vulva e não querem ser mulheres, nem mães, e muito menos engravidar. Você se incomoda demais que lhe tachem de mulher pela metade, que você não tem o famoso instinto materno ou não se desenvolveu, que você não sabe o que quer, que ainda não encontrou um bom homem, o indicado para a família, que você não amadureceu, que isso, que aquilo? Agradeça às que seguem com sua prática alimentando a ideia de fábrica de bebês para o amor à vida e ao casal. O sonho de realização da princesa disney... e viveram felizes para sempre. Para elas, toda a realização e o estigma.

Todo este mundo normal e natural, do “eu também sou humano e pessoa, e pago impostos e por isso...”, e “meus direitos” e “posso ter uma família como todos” - assim, com o horroroso e genérico O – que trouxe literalmente esse mundinho ou comunidade LGBT, eh, isso é uma grande conquista para o capitalismo e o Estado. Ninguém parece enxergar além de seus narizes. Parece que a bandeirinha do arco-íris que tremulam a sua frente lhes turva a vista e a razão.

Quando na realidade não importa com quem você trepa enquanto continua perpetuando a instituição essencialista da sociedade, do mundo controlador e o progressismo, e não questiona nem por um instante as estruturas, as raízes.

¡Uy, caray! Mas se acham gente revolucionária por suas práticas sexuais. “Ah, tenho um pênis e enfiar o dos outros na minha boca”; “sou lésbica, olhem para mim, sou lésbica!”. Nem tempo têm pra pensar nas categorias sociais de poder que levam a cabo e reproduzem diariamente com todas suas outras práticas heterossexuais. Não lhes ocorre que há mil possibilidades de fazer e deixar de fazer família, o chip do bebê lhes foi muito bem introjetado, e o do coitocentrismo eles têm até tatuado.

E sabe de uma coisa? Nem vai lhes ocorrer enquanto seguirem choramingando por inclusão e não entenderem que têm a oportunidade histórica de desmontar toda uma estrutura e um mundo que os oprime e que não é cor de rosa nem de arco-íris. Como? Deixando de levantar bandeiras e implorar inclusão e abortando a normalidade. É isso, a normalidade, que sempre nos fodeu.

Neste contexto o aborto, e mais especificamente o aborto autogerido, continua sendo o único desconstrutor e uma maneira digna de ingovernabilidade para o corpo,

penso e sinto.

Isto é, o aborto como desobediência sexual ao heterocapitalismo... Eu diria que nos encontramos em um momento pós-Wittig e sua ideia de que as lésbicas não são mulheres; e apesar de que também estamos em um momento em que os homens (trans) podem ficar grávidos e as mulheres (trans) engravidar, certo feminismo continua considerando o aborto como um tema puro e exclusivamente de corpos cuja denominação é “mulher” no momento do nascimento sem sobra de dúvida, gerando toda uma série de exclusões e mal-entendidos tais como supor que o coito ou a penetração e seus riscos são sempre de matriz heterossexual, quando um garoto trans poderia ficar grávido de outro garoto não trans durante uma relação homossexual. Como você entende, a partir de seu corpo desobediente, este tema? Como você o vivencia e como a fazem vivenciá-lo essas feministas essencialistas fêmeo-mulheristas biologicistas que reafirmam as políticas binárias da heterossexualidade como regime político?

São umas chatas, e além disso, tontas! Não as suporto. Desde as que continuam chamando as mulheres transexuais de “senhores de barba com vestido”, até as que não saem do coitocentrismo, passando pelas analíticas, que continuam incluindo as mulheres trans em seus projetos e políticas HSH de HIV, por exemplo.

Vou te dizer uma coisa: o coito fede e é doente, não só pelas infecções que podem surgir dali, hahahahahahaha, é doente socioculturalmente!

Eu, além de intervir em meu corpo e usar estrógeno e progestina, como uma luta ética e política a partir de meu corpo contra as estruturas, fiz uma automutilação ou autocensura do pênis e fugi (não só de meu gênero, de meu papel de gênero e outras merdas que me educaram e socializaram desde que tive o infortúnio de cair neste mundo de humanos); fugi sobretudo do coito e me entreguei ao prazer sexual, à exploração, ao reconhecimento e a minha própria construção do desejo sexual enquanto dinamitava o que me disseram que tinha que ser assim.

Também por uma questão de ética, porque meu feminismo é trans, é transfeminismo, radical, honesto, desconstrutor e é praxis, sobretudo: minhas maneiras de desfrutar do prazer sexual com outras corporalidades saem do típico, chato e heterocentrista enfia e tira, tira e enfia... adeus pênis, bem-vindos mãos, língua, dedos, dildos, beijos, bocas, e mais um montão de possibilidades. O sexo-afeto que emanou deste meu fugir e do meu autoquestionamento das normas, me deu liberdade e me abriu as portas pra um mundo sexual onde desfruto de plena autonomia, de radical autonomia, melhor dizendo, e não da liberdade de vitrine que da o famoso discurso dos direitos sexuais e reprodutivos hoje em dia.

Eu engravidar um garoto trans? Jamais! Não apenas porque estou convencidíssima da alta violência que geram os elevados índices de natalidade, mas também porque não tenho coito, isso quem tem são as pessoas normais, binárias, educadas, que não entendem nem aprendem. A minha não é o transbinarismo, é o transfeminismo... E aqui é onde a comunidade chique e fashion do arco-íris e as

peças transnormais me odeiam e pedem que minha cabeça role. Não me importa. Vou te dizer. Eu questiono e critico estruturas, raízes, não pessoas que nem conheço, seria idiota se perdesse tempo fazendo críticas individuais. São [críticas] a estruturas, se sentem-se afetadas é problema delas, a falta de autoquestionamento, não sou eu, Frieda, quem as está atacando, digo honestamente.

Mas bom, respondendo sua pergunta, claro que há muitos homens transexuais que ficam grávidos e têm partos, ação que, claro, evidencia que o tema do aborto é de corpos e não de gênero, mas vá dizer isso às feministas biologicistas! Chatas. Tontas.

Existe uma ala radical dentro de certo feminismo, comumente silenciada entre tanto feminismo de boa consciência, da paz, da sensatez e das instituições, que considera o infanticídio como aborto retrospectivo e o aborto em si como o último bastião não só de um método anticoncepcional de emergência mas também de desobediência sexual anti-heterossexualidade como regime político. Qual a sua postura a respeito?

Hahahaha. Eu adoro. É exatamente a crítica da boa consciência e das pessoas antimulheres: “Deviam ter se cuidado mais”, “para quê foram abrir as pernas?”, “deviam ter pensado nisso antes”, “o bebê-anjinho não tem culpa”, “tem gente que pratica como método anticoncepcional e abusa da liberdade que lhes é dada”, etc...

Tudo o que é desobediência me alegra. Estou convencidíssima de que quando se pede aceitação, inclusão, um pouquinho de respeito, que te olhem porque você é parte da cidade como os outros, a sociedade e o mundo da caixinha feliz McDonald's, nisso você já foi diretinho à merda e já te domesticaram alegremente como aos outros, com bolhinhas de um refrigerante.

A desobediência, a ingovernabilidade, a rebeldia, é só o que nos resta para existir nesta grande merda de mundo que não nos deixa viver, e que nos obriga a (sobre)viver. Toda inclusão é subordinação, não há muito o que discutir aí, me parece.

Há uma frase que não sei de quem é e que me fascina. Diz: “A luta contra o sistema que nos rodeia não é mais importante que a luta contra o sistema que temos interiorizado”, e é aí, no nosso autoquestionamento e enfrentamento com ética a nós mesmas, onde nasce toda esta moda-revolução das redes virtuais: muitos posts, muito tweet, muito tumblr, muito compartilhar e retuitar, mas desligam o computador e voltam a ser as mesmas pessoas normais e escrota de sempre. A revolução agora é de muita palavra e pouca ou nenhuma prática, infelizmente.

Circularam dois textos seus que geraram ou grande rancor ou grande fascínio, ambos de maneira visceral. Refiro-me tanto ao texto onde você aborda o tema das maternidades trans e o da impossibilidade de ser homem e feminista, onde você também inclui o tema das novas masculinidades e dos homens trans, o que exige da sua parte uma grande valentia, porque é como amarrar o guizo no pescoço do gato. Gostaria que você comentasse qual é a relação entre estes temas e o aborto, e qual foi em geral a recepção a tais críticas que ninguém na atualidade se atreve a fazer.

UMA ENTREVISTA E TRÊS TEXTOS DESAFORADOS

Você não sabe como se ofenderam! As pessoas são tão sensíveis. Muito cultas, muito preparadas, muito *open mind*, muito revolucionária, de esquerda, tão Ché, Marx, de Beauvoir ou Rosa Luxemburg, mas se você toca um pouquinho no mundo heterossexual já se ofendem que nem artista plástico que não é elogiado pela porcaria de obra que ainda ousa e se atreve a expor.

Ameaçaram me bater ou estuprar porque “o que eu preciso é de uma boa trepada”, me insultaram até cansar, acabaram com a amizade, tiraram de associações civis, por ser “grosseira e não respeitar”, chamaram de microfascista, impositiva, escrota, puta, e hostil. Do “hostil” eu gostei. “Putá” eu não sei como alguém pode achar que é insulto, mas bom, como eu dizia, foi terrivelmente mal.

Eu sempre digo que um dos maiores problemas mundiais disso que chamam de escola é o deficit de compreensão de leitura, as pessoas não sabem ler, ainda que leiam. Eu jamais disse para não serem homens, e jamais disse que homem é um pênis, e jamais disse para ninguém engravidar. Mas aí você tem a horda sensível e machucada em seu mundo natural e normal. *Pobre gente, pobrecita, pobre gente, toda la gente*, disse Liliana Felipe em seu canto. Hahahaha.

Ainda que tenha havido quem entendeu perfeitamente os textos – que, orgulhosamente te informo, já foram traduzidos para o inglês e o italiano – e muitas dessas pessoas são homens, e muitas delas são mães. Nem tudo está perdido e podre, como se vê tão frequentemente, suponho.

Como eu relacionaria isso com o tema do aborto? Não havia pensado nisso, sabe, mas sem dúvida me remete ao corpo político, ao corpo já não como campo de batalha, como o estica e relaxa, como assunto de voto no senado, mas como arma de destruição de todo este heteroimpério, esse corpo político que se perde no mar dos discursos essencialistas, médicos, legais, capitalistas, feministas da boa consciência... que são quem te constroem o corpo como algo fixo de nascença e como sexo biológico. Remete-me a isso.

No momento do nascimento lhe atribuíram o sexo privilegiado, ao qual você abdicou posteriormente em função de um devir crítico contra o binômio. Esta desobediência de gênero, este despojar-se de seus privilégios de uma masculinidade hegemônica, essa renúncia à ordem maior em uma região com políticas claramente aniquiladoras de formas de vida antagônicas ao capitalismo lhe outorga, não obstante, um estatuto de “modelo” ou “superioridade” sobre aqueles homens que, ainda que postulem afinidade com as lutas das “minorias sexuais, mulheres e lésbicas”, *latu sensu*, nunca realizam os atos performativos e nunca adquirem as formas de vida que os removeriam de seu lugar de privilégio dentro da heterossexualidade como regime político. O que estou tentando dizer dizer é que esse devir menor no qual você vive, pelo qual a conhecemos e nos interessa seu labor, é também a possível porta de entrada para uma perigosa reterritorialização. Gostaria que nos contasse como você está vivendo uma existência como exemplo personificado de que para ser homem antipatriarcal se deve deixar de ser homem, o qual, paradoxalmente,

produz um efeito de voz privilegiada por sustentar materialmente um devir radical: aquele que retira seus privilégios de gênero lhe converte em uma interlocutora mais legítima que outras vozes, e, portanto, voz mais atendida e ouvida que outras desobedientes. Além disso, como se poderia desmontar o binômio a partir de uma corporalidade politicamente designada “mulher” no momento do nascimento, a partir da sua implacável crítica às novas masculinidades e certo “machotismo” com boceta, em tempos em que até as lésbicas desejam ser mulheres heterossexuais, no plano dos desejos?

Você se preocupa mesmo com a opressão às mulheres e a violência contra seus corpos? Faça uma vasectomia sem sentir que está sendo mutilado, que tiram sua hombridade, te violentam ou apunhalam a sua masculinidade e assim liberte o corpo das mulheres de tanta intoxicação anticoncepcional... eu disse isso um dia em menos de 120 segundos já tinha um exército de “hômes” bons e solidários, conscientes e respeitosos, “feministas”, me atacando e dando uma infinidade de razões pelas quais não fazer... Por exemplo.

Eu não sei se renunciei a algo de que nunca fiz ou me senti parte, sabe? Desde criança eu saía à rua e era só para insultos e até pancadas por “parecer menina”, por “falar como menina”... Quando cresci um pouco mais fui até estuprada, e depois de concluir a universidade fui sempre excluída do mundo do sucesso, do desenvolvimento profissional e do mercado de trabalho, por parecer “mulher”, “uma menina”, e sofri e sofro (ainda que claro que nunca como sofre uma corporalidade com vulva) assédio sexual na rua. Quer dizer, claro que nunca fui homem tal como se conhece nesse mundo, com todos os privilégios e estereótipos de gênero, nem era também mulher da mesma forma para o mundo e a sociedade binários, mas o mundo e a sociedade sim, foram muito bons para me maltratar como se eu fosse uma delas, percebe?

Ainda que, veja, este exemplo do assédio sexual de rua seja ideal para ilustrar esses privilégios que você menciona. Eu sei o que é o assédio sexual, claro, mas por minha corporalidade com pênis, sem seios nem vulva, não era lida como mulher, mas como homem, por este mundo binário, isso me eximia privilegiadamente de sofrer assédio e abuso sexual todos os dias, a cada hora, a cada instante, por onde quer que fosse ou caminhasse, como sofrem as corporalidades com vulva, só por este fato genital. Enquanto eu não falava, ou não me movia, podia passar despercebida por este voraz mundo de homens machos e falocentrismo. Esse privilégio de poder, de superioridade, sem dúvida que existia *de facto* ainda que, repito, eu jamais me incluísse ou me sentisse parte da doente confraria dos “hômens”.

Eu sou totalmente anti-homens, falo isso frontal e abertamente, não como genocídio nem arrancar pênis com uma motosserra, mas como destruição-extinção da categoria social de poder, não há maneira de reivindicar essa categoria, por mais “novas masculinidades”, *copy and past* das teorias de gênero feministas, que façam. Não existe. Mas esse é hoje em dia o novo discurso e a política pública do Estado e do ONGuismo, fazer o progressismo consciente e revolucionário acreditar e sentir e pensar que sim, e que se deve reeducar os homens e enchê-los de novas masculinidades. Uma merda engolida com gosto e consentimento por onde quer que se olhe. E da qual me dá nojo falar, e já não falo mais. Desculpa pela resposta, o tema por si só já me

UMA ENTREVISTA E TRÊS TEXTOS DESAFORADOS

enerva. Se os homens querem deixar de ser patriarcais, que façam isso sozinhos e lá longe, sem esperar agradecimentos ou aplausos, pois não estão fazendo um favor. É o mínimo que poderiam fazer, e se calar.

Agora que dou oficina de aborto em casa, e a oficina de papeis de gênero e violência nas relações sexo-afetivas – e logo darei a de saúde sexual mais além das políticas públicas – muita gente me diz: tenho que aprender com você. E isso me choca, digo com toda sinceridade, me choca porque parece que não entendem que toda a infâmia e asfixia que não nos deixa ser livres e viver é justamente a maldita educação e o que aprendemos aqui. As pessoas parecem não se dar conta de que o que eu faço não é ensinar nada, mas desaprender tudo, destruir tudo, deseducar-me... Eu não aposto nem acredito em uma nova e boa educação, reeducação, como dizem... Insisto: deseducar-se, mas não para voltar a se educar “de outra maneira”, mas emancipar-se, rebelar-se, ser livres. É possível viver sem gênero e sem educação, mas ninguém vê isso, *¡carajo!*

Eu não tenho nada a ensinar, nem quero. Eu não sou pedagoga, eu sou combativa. Nego-me a ser um modelo ou um exemplo de algo ou de qualquer coisa. Considero que as pessoas têm que lutar com o que há de heteropatriarcado em sua cabeça, sozinhas. Isso é autonomia, isso é emancipação. Estou cagando para os chamados líderes. Se as pessoas não saíssem por aí aprendendo ou seguindo líderes, ou os admirando, talvez não ficariam identificando como homem ou mulher e outras merdas quem não quer ser identificada nem vista assim. Não ficaria legislando ou legitimando o cu de ninguém.

Como podemos desmontar o binômio a partir de uma corporalidade com vulva designada mulher desde o nascimento, você me pergunta? Há pouco dei uma resposta antecipada: deixando de parir, fechamento total do útero como fábrica de bebês. Que tal começar por aí?

Em geral, deixe-me te contar, eu faço muitas coisas para mim e para minha vida, que não difundo em minhas redes porque não sou modelo de nada, nem quero, como já disse, e acho que já as fazia – com uma consciência diferente, claro – desde antes de achar o feminismo e fazer dele minha praxis de vida. E é isso que me mantém livre e feliz comigo, ainda quando tenha a desgraça de habitar este mundo de humanos e pessoas, e este século de revoluções queer, esquerdistas e progressistas, e com tecnologia de gênero.

Mas você não diria que nasceu “mulher”? Como você entende este “ser mulher” em seu contexto de operações contra o heterocapitalismo mexicano?

Eu me denomino no feminino porque feminina sempre fui. E esse ser feminina não me converte por *default* em mulher, mulher e feminilidade não são sinônimos, e esta última não tem por que condicionar e determinar a categoria de gênero, tomara que o mundo entendesse isso já! No entanto, me assumo mulher por estratégia política, porque é necessário fazer isso. Ainda assim me enuncio como trans, não transgênero nem transexual, mas trans, e por aí há textos e áudios meus circulando na web para aprofundar o que quer dizer isso de só trans.

Com o uso da progestina e do estrógeno que estou empregando atualmente, não estou transitando o gênero, eu o estou transgredindo, e meu interesse é ficar aí, na transgressão. Comumente se pensaria que se nasci homem e nunca “consegui ou pude sê-lo”, então não me restava outra opção mais que ser mulher, e que se uso hormônios é porque quero ser “uma verdadeira garota”, ou “o mais parecido com uma mulher”. Hahaha.

Nada mais distante de meu devir e da minha fuga deste mundo binário e normal. Eu estou dinamitando o pouquinho que restava de homem em mim e, te digo, é necessário e importantíssimo me denominar mulher, mas em minha praxis, tal como dizia Monique Wittig, eu não sou mulher porque não serei o complemento de nenhum homem, nem mais um corpo onde a economia falocêntrica e misógina lance raízes, não serei a esposa, nem a mãe, nem a que cuida da família, eu coloquei fogo nessa categoria de poder homem... e me lesbianizei. Compreendi minha identidade sexual (gênero, orientação e política), e uma vez compreendida, fugi.

Minha lesbianidade é convertida porque eu escolhi construir meu desejo sexo-afetivo com e entre lésbicas, como uma soma de forças anti-heteropatriarcado, e até como um ato amoroso sororário. A lesbianidade vai além de uma simples orientação e é uma luta política para neutralizar toda uma organização social hierárquica, abusiva e impositiva. A lesbianidade política e feminista implica numa descolonização e desterritorialização do corpo construído socialmente e estereotipado, uma dinamitação do regime heterossexual, uma afronta anticapitalista, uma grande festa lúdica e prazer e muito mais.

Aqui no México, na Cidade do México sobretudo, há muitas lésbicas que começaram já faz tempo a falar de lesboterrorismo como um prazer de fazer e criar entre lésbicas e mulheres, sem o apoio, aprovação e aliança com os homens, e isso causou um grande terror, e ataques, muitos ataques. Você vê, o mundo binário e heterossexualizado que não concebe um mundo sem a categoria homem e continua pensando a heterossexualidade como uma orientação sexual e nunca como uma quantidade de mecanismos de controle de corpos e vidas, não se fez esperar.

Nós rimos, e nos beijamos, e nossas risadas e beijos causam terror. Sou lesboterrorista porque sou contra a dicotomia, tão carcerária mas normalizada, contra o controle de corpos que construíram sobre nós, e porque, repito, temos prazer com isso. Somos mulheres por estratégia, só por isso. Assim entendo o ser mulher, a partir de minha corporalidade e minha rebeldia.

Como você se posiciona em relação ao valor cósmico e cármico que se da aos fetos abortados? Qual é a sua postura a respeito desta simbologia que, me atreveria a dizer, pretende pacificar a culpa que cria em certos ativismos a radicalidade de extirpar de nossos corpos a humanidade que neles pode habitar, para devir algo que não estamos sendo agora?

Isso! Pacificar a culpa. Sobre a culpa construíram muito do que nos oprime, e fizeram transnacionais e empresas de sucesso e produtos com a culpa: a Igreja Católica

UMA ENTREVISTA E TRÊS TEXTOS DESAFORADOS

e o papa Francisco são duas grandes amostras confiáveis.

Não aborte às terças-feiras porque o feng shui diz que da três anos de má sorte ou como? Ao abortar, faça durante a noite e acenda uma vela para que deus e a vida te perdoem, ou como?

Eu lhe dizia há pouco que a culpa nós jogamos na privada, em minha oficina, lembra?

Comentários do tipo “a aura do bebê”, já me foram feitos, claro, e por gente muito radical e anarquista, você não vai acreditar! Mas é o que lhe digo, uma coisa é o discurso, outra é a prática e é aí que termina o “vamos acabar com a opressão” deles.

Eu sempre disse que não basta se dizer feminista, mas terminar de nos des-heteropatriarcalizar, nos des-heterossexualizar, abortar não só fetos, mas principalmente a família como o primeiro e mais doente agente socializador que há; não basta se não abortamos também a culpa, o amor romântico, a pressão estética, a gordofobia, o capitalismo, o colonialismo, se não abortamos tudo. DesEducar-se, DesAprender, Destruir. Nada mais. E abortar, abortar, abortar, esse é o início.

Finalizando, gostaria que você comentasse como faz para homogeneizar leituras críticas locais e um saber das subalternidades próprias de contextos não eurocêntricos quando nos dizem o tempo todo que as teorias pós-identitárias e as desobediências sexuais pertencem a grupelhos artistoides com passaportes de privilégio.

Hahahaa. Eu cheguei ao feminismo “sem saber” nada de feminismo. Minha aproximação foi com ativistas e ONGuistas, e fiquei maravilhada, mas depois acomodei muitas coisas em minha cabeça, e em retrospectiva olhei minhas velhas leituras, olhei minha infância, minha adolescência, então me dei conta de que eu fazia feminismo desde que não permiti, por exemplo, que a mulher que me pariu me colocasse umas botas de pele de cobra, porque eu “era homem” e vivia no norte e então tinha que parecer um *charro* ou vaqueiro. Opor-me ao socialmente estabelecido com meu agir e minha corporalidade, isso é feminismo. A partir desse momento, comecei a abortar também toda a escola, toda a teoria, toda a universidade que tinha feito.

O feminismo deixou de ser um movimento (obrigada por conseguir que as mulheres votássemos e fôssemos à universidade mas, desculpa, isso não serve muito se hoje em dia minhas opções na democracia androcêntrica são votar nos mesmos ladrões, nepotistas e misóginos de sempre, nem ir à faculdade para ser estuprada por um professor com doutorado em Londres e ser chamada de puta por denunciar), o feminismo para mim não é um movimento que busca direitos iguais blá, blá, blá. Para mim se tornou prática cotidiana porque já havia sido isso muito antes sem eu ter consciência e me dar conta. Minha prática radical e ética não cabe em nenhum livro, nem minha corpa lésbica, nem meu fazer diário.

Comecei a fazer rádio em 2012 e comecei a falar com as pessoas, sem teorizar e conversando só de suas cotidianidades e tcha tcha tchan: achei mais feminismo que na

ONG e na nota de imprensa. E ali fiquei.

Acho que não me dediquei a resumir ou homogeneizar textos nem leituras feitas, acho que o que fiz foi descê-las do limbo onde as põem todas estas pessoas que pensam e sentem que publicar um livro ou fazer a tese e complicar Foucault ou seguir Preciado como os 12 apóstolos a Cristo é um ativismo acadêmico, eu as desci e as aterrissei na senhora religiosa de Puebla com dois filhos adolescentes, que foi a uma oficina minha, e terminou me dizendo, depois que lhes pergunto no final o que podem concluir das sessões: eu por muitos anos me vi obrigada a ter relações com meu marido, mas agora, depois de te escutar, sei que isso era estupro e não tenho que aguentar nem pelos filhos.

E isso, querida, eu quero ver se consegue a Marcela Lagarde dando conferências rebimbantes em auditórios escolares, ou mesmo a Butler em uma aula da universidade. Quero ver. Quero ver se o ativismo acadêmico consegue alguma coisa, um dia.

Enquanto não chega esse dia, eu continuarei aqui, abortando-me e abortando tudo



II

EU NÃO TRANSITO, EU TRANSGRIDO

Frieda Frida Freddy

Há algumas semanas alguém que vai a colóquios queer e/ou dissidentes me disse: “*Você tem que se produzir mais, menina*”.

Ontem um cantor muito famoso (que encontrei em um bar e conversamos), me disse: “*Agora que você está se hormonando, por que não deixa o cabelo crescer? Você vai precisar*”.

E em geral, de uma forma ou de outra, muitas pessoas me disseram coisas como: “agora que você vai ser mulher”, “quando for mulher”, “vai ter que aprender a se maquiar”, etc.

É que parece impossível arrancar de suas cabeças uma ideia de transexualidade que vá além do nominho dado pela medicina e a psiquiatria; parece que por mais que se leia e se fale de gênero, categoria de gênero, identidade de gênero, dicotomia de gênero, código binário, estereótipo de gênero, imperativo heterossexual e tudo mais (ainda que entre ativistas e feministas), persiste a ideia rançosa de que se você nasceu “homem”, e não quer ser isso, consequentemente será mulher, e vice-versa.

Como estão mal. Doentes. Sabidinhxs.

Tantas vezes eu disse aqui, e em muitos outros lugares e espaços, que nunca fui homem, que pensei que era (e fiz muitas coisas para tentar satisfazer suas artimanhas), porque, claro, me enganaram e me construíram!

Mas um dia me rebelei... e começou minha vingança.

Foi exatamente em 2010, quando todo o país esperava um levante (1810, 1910¹), e não aconteceu nada (bom, aconteceu sim, uma estela de luz²...), quando para mim chegou a revolução, uma revolução grande gestada em uma tarde chuvosa em um divã vermelho diante de uma árvore cheia de raízes velhas à mostra. “Mas e você, como se sente: homem ou mulher? Mais homem ou mais mulher?”. Essa pergunta causal e casual, que paradoxalmente nem era parte da terapia, foi o início da MINHA revolução.

Tudo o que veio depois foi me DesConstruir, DesEducar, DesAprender.

1 1810 – início da Guerra de Independência do México
1910 – início da Revolução Mexicana.

2 Referência ao monumento construído na Cidade do México em comemoração ao bicentenário do início da Guerra de Independência.

Tudo o que fiz desde então foi Destruição. Destruir.

Tudo o que virá de agora em diante será TRANSgressão.

Tudo o que falta para chegar até mim, não será mais que aborto atrás de aborto.

Minha revolução não terminará algum dia porque não busca pactos nem soluções por me haver mentido e construído, agora os fode, e vai continuar fodendo porque agora sou livre e ingovernável.

Eu não sou Diversidade Sexual, eu não sou Dissidência Sexual, eu sou DESOBEDIÊNCIA sexo-genérica.

Eu não estou transitando de gênero, eu estou TRANSgredindo, estou fluindo e aí vou ficar vivendo: na TRANSgressão. Na alegria e na monstruosidade que só nos dá a raiva de ser ingovernável, de ser transgressora, de fluir como flui a sexualidade, toda, inteirinha, e não reduzida à genitalidade nem ao ato sexual. Como flui a própria vida: Livre.

Por isso comecei a me hormonalizar sozinha, sem avaliação médica nem acompanhamento psiquiátrico. Fodam-se. Nenhuma ciência ou lei vai me dizer o que fazer com meu corpo e minha vida, e muito menos me diagnosticar como louca, com alguma patologia familiar, ou disforia. Dou risada de vocês. E tenho novidades para vocês: os hormônios já dançam cadenciadamente dentro de minha corpA. E dançando debocham de vocês e de seu mundo... E de toda a escória, regras e boas consciências que há por aí. Apodreçam.

Eu não sou transgênero, nem transexual, eu sou TRANS. Porque as identidades trans são inesgotáveis, infinitas, fluidas, livres, não-binárias. Nunca heterossexuais. Não são A e B, garoto ou garota. Mulher ou Homem. São trans... Por isso são trans.

Eu não estou transitando. Eu não vou transitar. Não quero ser mulher, porque o ser representa continuar sendo a contraparte de um código heterobinário de merda que mata diariamente, e eu quero viver.

Construir-me mulher significa continuar enchendo a bola deste mundo social, e do sistema capitalista, do heteroimpério. E eu fugi deles. Bye, bye. Alcancem-me se puderem.

Para quê vou “me produzir mais”? Para quê preciso de uma longa cabeleira? Serei, além de trans, Pós-Travesti.

Repito: não estou transitando, eu estou transgredindo. Compreendi naquele 2010 minha identidade sexual (gênero, orientação e política) e, uma vez compreendida, a dinamitei com prazer e alegria e fui embora. Fugi. Por isso agora sou trans, sou lésbica e me denomino no feminino porque feminina eu sempre fui, e isso não me faz mulher, feminino não é sinônimo de mulher. Como adoram engolir mentiras!

UMA ENTREVISTA E TRÊS TEXTOS DESAFORADOS

E o que eu tenho agora se não tenho identidade sexual? E por que digo que não tenho orientação se sou lésbica? E por que às vezes me declaro mulher se estou dizendo que rechaço sê-lo? (Ah, pois deveriam vir a minha oficina e eu lhes conto e conversamos. Não sou pedagoga mas sou muito faladeira. Hahaha)

Eu fugi e ando hormonada, mas não normada, nunca mais.

Sou trans, não dessa transexualidade que é definida pela linguagem patriarcal, porque também arrebento a linguagem, eu sou trans de transgredir o mundo, de transportar-me a uma ilha, de transformar suas séries de determinações científicas e dar risada. Sou trans dessa transexualidade que é praxis dinamitadora, que é sexualidade reapropriada, arreatada do heteroimpério.

Eu lhes digo: um dia me rebelei.

Mentiram para mim, não foi? Esta é agora minha vingança :D



III

A MATERNIDADE E O TRANS

Frieda Frida Freddy

O dia em que me declarei Trans foi o dia em que vi e senti claramente que não necessitava, nem me era vital, ser mulher ou homem para existir. Mais ainda, identifiquei plenamente que não desejava ser nem aferrar-me em uma das duas categorias sociais, porque nunca me havia sentido feliz e à vontade em nenhuma delas. Eu me autodenominei Frieda porque sou mais feminina que masculino, e porque compreendo que masculinidade e feminilidade são só dois polos de doutrinação que nada determinam, e muito menos teriam que “definir” esse “ser homem” ou “mulher” que se conhece em nosso mundo social. Escolhi, pois, este nome pelo potente ditongo que para mim representa a ponte sobre a dicotomia de gênero, meu transitar entre Frida e/ou Freddy que são o passado ao que fui condenada: garoto ou garota. E do qual escapei...

De forma que agora sou livre, sou Trans. Não transgênero ou transsexual. Logo entenderão. Tem-se a ideia generalizada de que ser trans é fixo, digamos, nascer A e mudar para B, ou nascer B e querer ser A. Isto é, nascer biologicamente “homem” (é pelo pênis que o sexo é atribuído) e querer ser uma mulher. Ou vice-versa. Nascer biologicamente “mulher” (pela vulva que se atribui o sexo) e desejar viver socialmente como homem. E sem dúvida que isso é uma grande parte, mas não é tudo.

O exemplo acima é transgredir-traspassar uma categoria de gênero porque nunca houve ali pertença nem identidade com a que lhes foi atribuída através de papéis; é rechaçar uma construção social que foi imposta a partir de uma divisão feita por um traço genital, e sem dúvida isso é transgressor, mas tal prática continua estando dentro de um código binário. E com essa afirmação não pretendo desqualificar nem agredir quem tenha feito tudo o que foi possível para mudar totalmente seu corpo e/ou modificar a aparência, desde se hormonalizar até passar por cirurgias e atualmente se sente confortável com o que é ou como se vê, já que o simples fato de desafiar o gênero e transitá-lo de A a B, ou ao contrário, me parece digno de todo respeito e admiração rebelde.

Mas eu não quero isso para mim. Eu, além de transgredir-transitar (e não ficar), quero dinamitar o gênero. Minha luta diária é contra a dicotomia de gênero, contra a sujeição. Para isso faço transfeminismos. Não quero me aprisionar no gênero, nem em seus papéis, nem alcançar seus estereótipos. Eu desejo ir e vir, fluir, como flui minha própria sexualidade (no sentido mais amplo, não a reduzindo ao mero ato sexual); minha sexualidade está viva e vive comigo. Por que vou sujeitá-la? Por que vou sujeitar-me? Não vou fazer isso. Não sou obrigada.

Não vou me aprisionar em uma dicotomia de gênero, ou em alguma orientação

UMA ENTREVISTA E TRÊS TEXTOS DESAFORADOS

sexual. Eu vou e venho. Por isso me digo Trans de transformação da ideia hegemônica, Trans de transitar a heteronorma, Trans de transgressão de gênero e tudo o que isso carrega. Trans de transgredir o mandato, abortar a ordem. Nasci A e não vou ser B, e que o A se foda. Podemos ser X ou Z, H ou T, ou misturas, o que nos der vontade. Inclusive às vezes ficar um pouco no B e depois jogá-lo fora, por exemplo. Ou ser monstras. Ou ser não sendo.

E para quem a esta altura do texto já está pensando que estou confusa e na realidade sou queer, eu repito: sou Trans, e para a desconstrução-destruição da dicotomia de gênero vou colocar, além de meu discurso, meu corpo. Vou implantar seios, para isso estou economizando. Seios por decisão política, por ato performativo. Não esses seios grandes e redondos, “com os que não tive a sorte de nascer”, para chegar a ser cem por cento feminina, e consequentemente “mulher” (como logicamente se crê), mas quero esses seios para confundir, para sair no tão normalizado espaço público e transgredi-lo, aterrorizar. Também não estou interessada em emagrecer e comprar vestidos estilizados, ou blusas decotadas; meu ato também será pós-travesti.

Com a operação dos seios meu corpo será, além de um campo expropriado do sistema (que antes o havia roubado de mim com seus mandatos), uma arma de destruição simbólica. De modo que o que busco com a cirurgia não é alcançar o modelo de beleza patriarcal, mas ser uma performance viva que vai pelo mundo e leva o terror Trans a todos os espaços, às ruas, às cidades. Esta é minha livre decisão e escolha, como a que toma a mulher de sexo-gênero concordantes e heteronormatizados quando decide ser “mãe”.

Mas o que acontece então com ambas decisões tomadas livremente e que concernem a um corpo próprio, dentro de uma mesma sociedade, um mesmo mundo social?

Acontece que quando eu declaro ser Trans e menciono a decisão de modificar meu corpo, o mundo me vê como uma empestuada, como demente, enquanto que a mulher grávida é vista como triunfante, como se tratasse da conquista máxima da vida. A ela é outorgado um reconhecimento social e a mim o escárnio público. Elas são elevadas a um pedestal social e começam a ser cuidadas, tão frágeis como se fossem quebrar, enquanto da maioria dxs transexuais, trans e transgênero quebram a autoestima e os laços sociais, as expulsam de casa e a sociedade fecha suas portas em quase todos os espaços públicos.

Quando uma mulher decide e escolhe livremente engravidar, parir e criar, o mundo inteiro a enche de elogios, bons desejos, bênçãos, doçura, felicitações, não se cansam de louvá-la, enquanto para as pessoas trans que também decidiram e escolheram livremente fazer algo com seu corpo e um projeto de vida, as chacotas não cessam, nem os insultos, as invisibilizações, as piadas, os olhares de reprovação, ou as agressões verbais e até físicas.

Na mulher grávida as famílias e amigos e a sociedade em geral tomam para si a tarefa de procurá-la e cuidar dela, mandam-na ao médico e o Estado a recebe

gratuitamente no setor de saúde com exames pré-natais e as ativistas até advogam por elas, *abaixo a violência obstétrica*. Mas dos altos e violentos índices de natalidade ninguém diz nada.

Nessa mesma linha, quando uma pessoa trans começou a se hormonar ou está por fazer uma cirurgia, a família e amigos e a sociedade em geral se reduziram, a julgaram, e o Estado a recebe com o psiquiatra, a quem terão que convencer de sua própria decisão de transitar. O setor de saúde as recebe também, ainda que na maior parte das vezes com desprezo e maus-tratos, conduzindo-as como bobas, sem escutar seus sentimentos, mas somente injetando-lhes os hormônios ou dando-lhes medicamentos (quando há), em uma postura de: “pois se você não quer ser homem, toma, seja mulher!”. Ou vice-versa. Tudo de supetão, sendo pouco claros com as reações secundárias de diminuir ou aumentar a testosterona ou os estrógenos em níveis acelerados. E isso nas poucas cidades onde há legislações que permitem. Se não há, xs trans terão que pagar por tudo sozinhas, como puderem. Terão que custear os tratamentos e as cirurgias completas, e se não têm dinheiro, aí está o óleo de cozinha ou o anticongelante para carros para fazer crescer um pouco os glúteos ou os seios. Aqui cada umx se defende e sobrevive por si mesmxx, apesar dos relatórios anuais das ativistas, onde anunciam sua preocupação pelos direitos sexuais de todas e cada uma das pessoas no mundo e proclamam “os avanços”.

Quando eu decido e escolho ser Trans, todxs me diagnosticam sem ser médicos: tenho “disforia de gênero”, estou doente da mente, e louca. A ciência diz isso e a OMS publica em sua lista de doenças mentais. Ninguém fala de violência cultural, nem da cultura de violência contra minha pessoa e minha livre decisão, porque o que faço é “anormal, está claro”, enquanto o que faz a grávida é não apenas “normal” como, além do mais, “o mais normal do mundo”. Este é o panorama em linhas gerais. E não estou me vitimizando com estas analogias. Mais adiante esclarecerei o ponto.

O que a grávida está fazendo, na realidade (por mais livre e escolhida que seja sua decisão) é seguir reforçando e reproduzindo um sistema heteronormativo, um regime heterossexual que não é uma orientação como tanto nos foi dito, mas um regime ordenador do mundo social, controlador de corpos e de vidas; o que ela está fazendo é seguir algumas normas rígidas aprendidas que estigmatizam outras biomulheres como ela e frequentemente as condena como “mulheres pela metade”, “incompletas” ou “mulheres ruins”, porque não “se realizam nunca através da maternidade”.

A decisão livre e escolhida da mulher grávida traspassa o pessoal e impacta desfavoravelmente o exterior. Fortalece um mundo social que está me matando, e matando também muitas outras pessoas dissidentes sexuais, inclusive ela mesma, literalmente (feminicídio, transfeminicídio). Nesse mesmo sentido, o que faço com minha livre decisão é me foder na heterossexualidade e outras ficções políticas, em imposições sociais, no regime heterossexual, destruí-lo, desconstruí-lo, porque esse sistema simplesmente não é normal nem natural.

Mas por que o Estado custeia a gravidez, mesmo em mulheres não inseridas no setor produtivo, em todo mundo? Porque lhe convém, é um investimento a curto prazo

para este modelo global de produção-consumo. É conveniente para seguir reproduzindo o modelo de família e tirar daí mais mão de obra barata para o mercado de trabalho e a produção em massa; serve, além disso, para manter as pessoas educadas, normalizadas, caladas, passivas e apáticas, debaixo da telenovela do amor romântico e do “viveram felizes para sempre”. É logo depois Família e Estado, em união, manterão mais facilmente controladas-oprimidas as dissidências sexuais, planejando cooptá-las para normalizá-las, desarticular ou exterminar.

No modelo produção-consumo também se produz Família, que não é o único agente socializador, mas sim o de maior peso. Esse modelo ordenador da moralidade, da boa consciência, da coerção, da dominação, da repressão, da violação dos direitos humanos básicos e das garantias individuais, esse modelo da chantagem emocional-sentimental e econômica. A família, hoje em dia reproduzida em pé de igualdade pelos homossexuais misóginos e machistas, e por lésbicas patriarcais, é um modelo opressor que funciona de formas bastante visíveis como pancadas, insultos, e maus-tratos, até formas delicadas e sutis como: “filhx, você tem que contar tudo e me dizer cada passo que for dar, porque somos uma família e confiamos uns nos outros, não é?”. Ou o: “eu só te vigio e te dou ordens porque te amo e me preocupo com você, tudo isso é para o seu bem, eu te respeito”. Chamam isso de educação. E com ela vão violando severamente a privacidade de cada membro que por um laço de sangue não significa que seja um objeto de propriedade. Mas, isso sim, estas formas virão sempre disfarçadas de muito carinho, abnegação, boas intenções e preocupação porque para isso existe o “amor de família”.

Há uma negação consciente de que a família (como o Estado) dá ordens e castiga quem não as cumpre, seu irracional poder autoconcedido a faz pensar que tem toda a autoridade para fazê-lo. As famílias controlam, asfixiam, às vezes lentamente, às vezes em poucos passos e sem empecilhos. E é evidente que o Estado não deixará de produzir família, mas as pessoas sim podemos deixar de fazê-las, e não ficar apenas mudando seu nome: famílias diversas, novas famílias, outras famílias, duas mães, dois pais, mãe solteira. Não vejo nenhuma lésbica colocando vestidos em seus “meninos”. Vejo, sim, muita grávida chamando de princesa o feto “mulher” - ou “meu rei” - que se vê no ultrassom, por exemplo.

Essa mesma negação consciente lhes serve até para encobrir que os direitos sexuais e reprodutivos também foram um instrumento que o Estado “assinou e reconheceu” para dar a toda essa diversidade sexual heterossexuada (que não é dissidência) o que ela estava pedindo e assim mantê-la na linha para que não ficasse “incomodando” mais. Teríamos que ver essa parte manipuladora de um aparelho de governo, como o Estado, que deu provas mais que suficientes do quão mesquinho, controlador, corrupto, chantagista, despótico e traidor que é.

Mas deixar de fazer famílias é algo simplesmente impensável para a maioria das pessoas no mundo. O que mais fariam a não ser aquilo que foi interiorizado muito bem em suas cabeças desde que nasceram? Mas o que acontece com toda essa gente que se diz feminista, e fala e fala de sua preocupação com a violência de gênero e a violência contra as mulheres? Essa gente que tanto cita Foucault e a história da sexualidade no volume um, dois e três, e não tira da boca o biopoder e a biopolítica, e

até dorme com a foto de Simone de Beauvoir na cabeceira de sua king size? Seu heterocentrismo pode ser visto da lua. Seus discursos contraditórios evidenciam por si mesmos sua falta de compromisso para deixar de fazer o que em resumo agride e estigmatiza essas mesmas pessoas que pretende apoiar. Estamos ganhando do heteropatriarcado capitalista?

Fazer feminismos institucionais, reproduzindo famílias e pedindo coisas ao Estado que é a figura paternal (macho protetor, pai benfeitor) é simplesmente a primeira das grandes contradições. Mas insistem em jactar-se totalmente conscientizadas e despatriarcalizadas, falando de igualdade de gênero, aferradas, para variar, em uma dicotomia carcerária. Criando somente meninos e meninas. E se encham de paridade, cotas, inserindo grandes mulheres livre pensadoras e empreendedoras dentro de um sistema podre que termina por sujeitá-las, enchendo-as com sua peste e obrigando-as a trabalhar sob suas formas e regras. Porque não é falta de capacidade, mas o modelo em si. Mas se negam a aceitar. Ficam ofendidas se alguém menciona isso. Não lhes bastam as evidências diárias nas ruas e nos espaços públicos. É mais importante preencher o relatório, comprovar gastos da bolsa com recursos públicos, e a selfie que possam fazer nos encontros internacionais. Que no fim, “com esse pouquinho que se consiga, já é um avanço”, dizem.

Como lerão, minhas anotações não são para me vitimizar rogando ao Estado que deixe de me tratar como cidadã de quarta categoria, eu no pessoal não quero nada seu, nem estou pedindo também às feministas ativistas institucionais que abriguem “maternalmente” em meu renascer Trans. Meu transfeminismo é anarco, radical e autogestionado. Em todo caso, só como um lindo detalhe estou sugerindo que o Estado deveria deixar de custear as gravidezes e o que elas implicam. Quem quiser um filho que pague por isso, que o custeie desde o planejamento de sua própria ideia e livre escolha. Que seja seu próprio luxo. Que deixem de usar os impostos de outrxs tantxs trans para tais fins, já chega de pagar economicamente pela transfobia que se recebe. Ou que pelo menos a que queira ser “mãe” passe também pelo psiquiatra para que ele explique o porquê de sua decisão, que convença a ciência e a OMS do porquê tem a certeza e a segurança de poder parir e criar e formar uma nova pessoa. Apenas seu argumento de um compromisso total, protetor e tutor, aferrado em um papel de gênero inventado, não é suficiente. É mera segurança romântica enraizada no regime heterossexual. Crer que vai poder tudo com muito amor e “cuidados”, é só o que a fizeram crer.

Finalmente, para fechar aqui minhas dissertações, quero esclarecer algumas coisas, já que uma das deficiências do sistema educativo escolar tem que ver precisamente com a compreensão da leitura, e eu estou muito cansada de que saiam por aí dizendo que eu disse, de modo que este texto, como leram, é completamente antimaternal, sim, mas eu em nenhuma linha disse que deixem de engravidar e parir. O que estou fazendo aqui é uma feroz crítica para indicar o que ninguém parece querer dizer por medo de soar politicamente incorretx e manchar seu currículo profissional, ou que as tachem de violentas, de não ser ou deixar de ser sororárias, e assim perder a subvenção, a aliança, ser expulsa da coletiva, tirada da ONG, cair mal ou deixar de receber os cumprimentos “fraternos e sorridentes” de outrxs compañerxs.

UMA ENTREVISTA E TRÊS TEXTOS DESAFORADOS

O que eu digo com este texto, falando das que decidem, escolhem-desejam a maternidade e formar famílias, é que deixem de propagar pelo mundo o boato de que uma gravidez e ser mãe, e formar família, é o máximo, porque também com a fala e a língua e percepções próprias rasteiras continuam alimentando-construindo *ad infinitum* os papéis de gênero no social.

O que eu digo é que deixem de contar a história da carochinha cor de rosa e doce, e de comprar a família da caixinha feliz do McDonald's, e assumam honestamente as atrozes responsabilidades sociais que implicam gestar, parir e criar, em um contexto tão capitalista e heteropatriarcal, como o acima descrito, e que saibam de uma vez que sua livre decisão le escolha não fica no casal, nem entre as quatro paredes de seu ninho de amor, nem na mulher só ou acompanhada que decide fazer isso: uma gravidez traspassa o lar e colabora diretamente com o sistema que nos fode em conjunto.

O que eu, Frieda, digo é que deixe de me respeitar com a lógica de “eu não tenho nenhum problema com pessoas trans”, a partir de sua esmagadora posição de normalidade. E de criar para formar apenas homens e mulheres, omitindo desde o próprio nascimento a intersexualidade e depois, na socialização do gênero, a transexualidade, sob o jugo heterossexual. É isso que solicito!

Porque somos xs trans que a dicotomia de gênero não pôde normalizar. Estamos aqui e não vamos nos calar, nem ficar guardadas em nenhum calabouço só para que seus filhos não se espantem e/ou se “contagiem”.



III

NÃO INSISTAM! SER HOMEM É INCOMPATÍVEL COM SER FEMINISTA.

Frieda Frida Freddy

“Homens feministas? Que porra é isso? Por favor, isso não existe! Ser homem é incompatível com ser feminista”. Sempre que digo isso, começam os insultos e os dois grandes e infalíveis rótulos de *feminazi* e *odiadora de homens*, sem falta. Imaginam-me correndo atrás deles com uma faca na mão para fatiar seus pênis. E na verdade não os culpo, essas imagens são as que serviram bastante para detratar os feminismos.

Mas eu sustento: ser homem é incompatível com ser feminista. E embora eu já esteja cansada de ter que argumentar o tempo todo sobre esta afirmação, hoje eu decidi deixar por escrito, só porque estou com espírito natalino, e para ver se deixando registrado em um texto, faça um pouquinho mais de eco e parem de insultar por insultar (para terminar reproduzindo sempre o mesmo e que nada mude). Então aqui vou eu. Se vocês chegaram até este ponto, já passaram pela parte mais dura do artigo, o resto é moleza. Já vão ver.

O simples fato de denominar-se homem, neste mundo social, heteropatriarcal e capitalista em que vivemos já é em si um privilégio, um símbolo de poder (sim, sim, ainda que eles digam que rechaçam esse privilégio, ele se dá de fato e isso é inegável). Quando alguém diz “eu sou homem e sou feminista”, imediatamente vêm para ele os adjetivos de “homem bom”, “homem solidário”, “grande homem”, “um verdadeiro homem”, “um homem que respeita as mulheres”, “um cavalheiro”, etc.

Em compensação, quando uma mulher diz “sou feminista”, a ideia generalizada é de que se trata só de uma mulher insubmissa, liberada, “que finalmente abriu seus olhos e se deu conta de que tinha direitos!”. Estão vendo? E isso é o mais apropriado, porque na maioria das vezes a ideia generalizada se reduz a que são simplesmente mulheres amarguradas, contra os homens, horda de velhas enxeridas, sapatonas, loucas, que não têm o que fazer. “Com respeito” (e para dar a elas um pouquinho de status social) às vezes as chamam “mulheres empoderadas” (igualzinho aos homens no espaço público, eles que desde sempre estiveram empoderados, nem precisava dizer). Estas mulheres feministas até tiveram que ler para chegar a este ponto de emancipação e de defesa do próprio corpo, de sua vida, sua sexualidade, e seus direitos (leia-se deixaram de ser bobas). Que ousadia!

Este é, em linhas gerais, o discurso sórdido, misógino, por trás da bela fotografia das que são feministas e o par que os “homens feministas” formam com elas; um belo postal, presente do mundo social, heteropatriarcal e capitalista, repito. Parece que ninguém está vendo (ou querendo ver) o que há por trás do *fotochopi* desta imagem brega.

UMA ENTREVISTA E TRÊS TEXTOS DESAFORADOS

E não, não é essencialismo, permitam-me responder. É nosso mundo social, o que nós construímos (mal). Aqui, denominar-se mulher não é nenhum privilégio, é arriscar a própria vida. É também, para a grande maioria, um dano psicoemocional que repercute na saúde física, sexual e social. Isto para quem vier me dizer que se eles não podem denominar-se homens, elas também não podem denominar-se mulheres (tá bom... tá bom...). Ser mulher é assumir uma categoria construída no inferior, e lutar para reivindicá-la. É necessário continuar assumindo-a para combater este sistema. Ainda que nessa posição e adoção se redefina constantemente e se incluam todas essas outras construções do ser mulher, ou de não o ser.

Isso que é o incompatível com ser homem e ser feminista, porque feminismo é tomar consciência do sistema de opressão e dominação e domesticação que nos foi imposto. Assim, os feminismos lutam para erradicar estas estruturas de poder e abuso, estes esquemas de superioridade, estas construções simbólicas criadas e socializadas violentamente a partir do heteropatriarcado. Portanto, o “homem” que se assume como feminista tem que fazer muito mais que se declarar, tem que se radicalizar, tem que abandonar privilégios, tem que sair destes esquemas e construções simbólicas. Os feminismos, portanto, não lutam contra as pessoas que têm um pênis, mas (entre outras coisas) contra as construção que foram feitas ao redor deste traço biológico.

As pessoas com um pênis podem ser feministas, mas terão que abandonar figuras jurídicas, sociais, culturais e de gênero como esta de “ser homem”, que é o maior símbolo de superioridade no mundo (lá vai, de novo) social, heteropatriarcal e capitalista. Este é o primeiro privilégio a abandonar. Por exemplo, conheço “homens feministas” que “deixam” que suas parceiras mulheres os penetrem com dildos (porque são solidários). Sim, leram certo, “deixam”, assim entre aspas, isto é, dão permissão, porque enquanto sua categoria de gênero de ser homem, continuam estando na categoria mais alta e são os que dão a permissão, os que deixam, os que permitem, por solidariedade, e nunca porque possam dizer simplesmente que adoram, que curtem. Só isso.

Outro exemplo típico é o dos “homens feministas” que até cuidam dos filhos e cozinham! Quanta solidariedade, meu Deus, que me racho! Quer dizer, fazem um macarrãozinho à bolonhesa aos domingos (dia em que decidiram, para variar, que suas mulheres vão descansar um pouco), e trocam uma fralda e dão tapinhas nas costas de seus bebês, durante as duas ou três horas em que os carregam e os fazem dormir.

Quando é evidente até para mim, que sou daltônica, míope, e com maculopatia serosa, que cozinhar é muito mais que isso, é também gastar tempo planejando o que se vai preparar, sair para comprar os ingredientes e administrar os gastos, é trabalho físico diante de um fogão; e não termina aí, é mais tempo depois limpando e lavando o que sujou. E não tem fim, porque então é voltar a recomendar este círculo.

E neste suposto cuidado com xs filhxs há o mesmo foto retoca. Porque cuidar é muito mais que carregar um pimpolho e tirar sua fralda cheia de merda. É dedicar seu corpo, sua energia, e mais da metade de seu tempo a alguém. Por ter dado “frutos do amor” a seu par (WTF?).

Novamente, sob este esquema misógino, os “homens feministas” ajudam (leiam novamente, AJUDAM) nas tarefas (são tão bondosos...), mas continuam sem torná-las suas, sem fazê-las próprias, porque é óbvio que esses papéis são exclusividade do ser mulher, né... São naturais. Logicamente, são os únicos afazeres que elas têm. Isto é, nunca realizam estas atividades com o entendimento de que também é sua casa e que também são suas crias. Onde fica então o assumir-se homem e feminista ao mesmo tempo? De que feminismo cacarejamos? Estas pessoas que se definem homens estão realmente questionando sua posição privilegiada? Falando só no caso dos homens heterossexuais, heim.

Os “homens feministas” ao jactar-se com estes dois conceitos assim em conjunto, se enchem de aplausos generosos, de reconhecimentos sociais. E que homens bons são. Até trepam melhor! Fizeram fama. Exagero? Quem disse a eles que são homens empoderados, enxeridos, loucos, bichas, emancipados? Ah!

“Eu sou homem e sou feminista”. Por que colocar primeiro a categoria social de gênero, inclusive antes do próprio nome, quando se pode dizer: “sou Pedro e sou feminista”, “sou Otávio e sou feminista”? E não estou falando de uma simples forma de linguagem. Isto é uma questão de forma e de fundo, porque a linguagem é o que constrói mundos sociais. Com a linguagem, com esse dar nomes às coisas e às pessoas, com o socializar a língua que falamos, levantamos este mundo social tão decomposto e podre que nos oprime dia a dia. Começando a denominar diferente conseguiremos construir outro novo e mais libertário. Não há outro jeito.

E já que estes esquemas de “ser homem” se reproduzem até nos gays, e que homem e mulher não é a única coisa que se pode ser na vida (como é o meu caso), é melhor nem irmos mais fundo porque já não me dá ânimo para continuar argumentando, por mais natalino que esteja o ambiente.



As versões originais dos textos na rede:

Aborto retrospectivo de la heterosexualidad como régimen político, una entrevista con Frieda Frida Freddy by Leo Silvestri:

<http://leoctatlove.blogspot.com.br/2015/01/aborto-retrospectivo-de-la.html>

La Maternidad y lo Trans:

<http://altersexual.net/2014/05/04/la-maternidad-y-lo-trans/>

No insistan! Ser hombre es incompatible con ser Feminista:

<http://djovenes.org/archivo/?p=9392>

Yo no transito, yo TRANSgredo foi publicado por Frieda em seu perfil do Fascibook, disponível apenas para sua lista de contatos.

